

## Agricultura Familiar... agricultura "Insuficiente"?

Eros Marion Mussoi

Qualquer debate sobre Agricultura Familiar impõe uma reflexão sobre o modelo de "desenvolvimento" no qual este tipo de agricultura está inserido. Este repensar nos leva a uma série de constatações que evidenciam que o "modelo" assumido desgastou-se sem atender às demandas concretas do conjunto da sociedade.

A natureza "urbano-industrial-exportadora" já identifica setores privilegiados com os seus resultados. O modelo foi (e é) concentrador (de riquezas e poder político), excludente socialmente e agressivo em termos de meio ambiente, desprestigiando a satisfação das necessidades básicas da grande maioria da população em favor da produção para exportação e da produção industrial (subordinando a agricultura à indústria).

Outro ponto fundamental, como consequência, é a definição de um novo desenho de ocupação do espaço territorial nacional, que provoca a potencialização do "urbano", principalmente das grandes cidades e polos industriais dinâmicos, em detrimento do "agrário", provocando um drástico esvaziamento deste (em termos humanos, produtivos e de importância política).

Inúmeros estudos mostram que a agricultura no geral e a Agricultura Familiar em particular, através da transferência de recursos/capital foi condicionada a dar suporte a este processo. No entanto, pelas suas características, a Agricultura Familiar (como produtora de alimentos básicos baratos, como reserva de mão-de-obra, como consumidora de insumos industriais, e como geradora de um movimento econômico considerável), é, ao mesmo tempo, importante para o modelo geral, e gradativamente excluída dele. Esta exclusão pode ser **direta** ou **relativa**. **Direta** no sentido em que os atores sociais componentes deste tipo de agricultura, por um proces-

so de marginalização/exclusão, são obrigados a abandonar sua atividade/modo de vida. **Relativa** na medida em que, para se "adaptar" ao que o modelo **impõe**, a Agricultura Familiar é obrigada a "abrir mão" de características que determinam sua existência enquanto modo de produção específico.

Este processo histórico pode ser verificado de maneira crescente em muitas partes do mundo, embora em graus e intensidades diferentes. No geral, o que se constata é que a Agricultura Familiar gradativamente está sendo condicionada a mudar o seu perfil, adequando-se ao modelo de desenvolvimento hegemônico e, portanto, subordinando-se definitivamente à indústria e ao "místico" mercado neoliberal. Neste processo, a Agricultura Familiar vai perdendo a sua identidade. Características fundamentais vão se degradando num processo de "erosão cultural" que poderá ser **irreversível**. Sem querer desenhar um "tipo ideal", poderíamos, para efeito de raciocínio, caracterizar a Agricultura Familiar como possuidora de um conjunto de elementos fundamentais que atuam integrados sistematicamente. Este conjunto de elementos certamente define a Agricultura Familiar como uma forma de vida que tem um saber/conhecimento construído historicamente e coletivamente; que tem uma lógica própria de decisão, tendo uma relação harmônica com o meio ambiente (ou pelo menos muito mais harmônica que a agricultura empresarial-capitalista convencional); usando de forma articulada e eficiente o trabalho familiar; baseando-se num processo de diversificação produtiva que garanta a produção para o abastecimento próprio e a necessária integração com o mercado local/regional, garantindo também níveis adequados de biodiversidade (produtiva, medicinal, artesanal e de reserva biológica); sendo capaz de processar muitos dos produtos por ela produzidos e reciclar detritos para sua reutilização. Este tipo de agricultura é, a nível externo, capaz de se articular no seu conjunto, possibilitando a resolução organizada/coletiva de seus problemas, uso de potencialidades e instrumentos de produção. Estas características lhe proporcionam mecanismos próprios de resistência ao processo de "modernização" convencional.

No entanto, o que se verifica é a cres-

cente negação destas características pela pregação da "agricultura empresarial" e da "formação profissional de um novo agricultor" (voltado à agricultura de mercado e portanto especializado). São políticos (que quase sempre falam de "segunda-mão", pois se utilizam do que dizem os economistas monetaristas e os tecnocratas), burocratas, técnicos e, freqüentemente, até agricultores que praticam o discurso da "modernidade", da "adaptação à realidade" (construída dentro da lógica do capital), da "reconversão". Reconverter o que e para quê? Será que "reconverter" a Agricultura Familiar para produzir para o "mercado" (sem discutir **quem é o mercado e quem determina o mercado**) não será subordinar definitivamente este tipo de agricultura a uma lógica que não é a dela? Buscar "alternativas econômicas" fora do **agrário** ou em "nichos de mercado" pela reconversão é, a bem da verdade, admitir que a Agricultura Familiar é insuficiente para o seu autodesenvolvimento e incapaz de se integrar a outros setores da vida social. Certamente a Agricultura Familiar não é "insuficiente", pelas suas características fundamentais. Insuficiente é o modelo de crescimento econômico geral (e as diversas versões de políticas de governo que lhe dão suporte). Certamente, antes de pensar em "reconverter" a Agricultura Familiar (com suas qualidades implícitas), deveria se tentar reverter a mentalidade monetarista e consumista que permeia qualquer decisão política atual.

Talvez seja necessário concordar que a Agricultura Familiar é praticamente incompatível com o modelo de crescimento econômico atual. O futuro deste tipo de agricultura passa por uma revisão profunda do paradigma de desenvolvimento que, sem dúvidas, indica as dimensões da agroecologia e da sustentabilidade como fatores fundamentais de viabilização de um novo modelo agrário e de sociedade, ambientalmente são e com justiça social

**Eros Marion Mussoi**, eng. agr., M.Sc., Cart. Prof. 34.472-8, CREA-SC, EPAGRI e professor UFSC, atualmente em Curso de Doutorado em Agroecologia e Campesinato junto à Universidade de Córdoba (Córdoba, Espanha), como bolsista da CAPES-Ministério da Educação.

## Criar cabras é um bom negócio

A cabra, além de produzir um dos melhores leites que se possa exigir para a saúde humana, produz carne, pele, esterco e, algumas raças, pêlo.

Diversas pesquisas feitas com leite de cabra comprovam que este leite contém os quatro elementos necessários à nutrição: o açúcar, a proteína, a gordura e as vitaminas, além de conter valiosas substâncias como ferro, cálcio e fósforo; assemelha-se à composição do leite da mulher e é isento do micróbio da tuberculose. Experimentos comprovam que 1 litro de leite de cabra equivale a 150g de boa carne ou 400g de galeto ou oito ovos.

A leitora da revista Agropecuária Catarinense Neyd M. Makiolka Montingelli, proprietária da Kissleite Produtos Lácteos Ltda, descreve abaixo as vantagens e as características do leite de cabra.

A cabra é um animal rústico, alimenta-se do que lhe dão, ou do pior que uma pastagem oferece, e consegue transformar em leite rico e saboroso tudo o que os outros animais rejeitam. A capacidade que a cabra tem de processar cascas de árvores, ramos secos, arbustos e outros verdes em um alimento puro, filtrado, rico em componentes essenciais à saúde, remédio para os necessitados, é fato que nem a ciência e tecnologia conseguiram explicar.

Da composição do leite de cabra, com proteínas e sais minerais em maior e melhor quantidade que os outros leites, pode-se destacar a gordura, sempre a vilã, que possui a estrutura de seus glóbulos de tamanho reduzido, facilitando a diges-

tão, pois as enzimas naturais do organismo humano a processam com muito mais facilidade. O ácido cáprico, tido como estimulante, faz deste leite um produto altamente afrodisíaco, pois pode trazer um grande bem-estar diário, estimulando as funções do organismo.

Para as crianças com alergia ou intolerância ao leite de vaca, o leite de cabra mostra-se como alternativa na alimentação. Devido a composição e percentagem de lactose, é muitas vezes o único alimento que um bebê com este problema pode ingerir. Quando estas crianças passam a tomar o leite de cabra, desaparecem os sintomas alarmantes que deixam os pais muito preocupados: diarreias, gases, dores abdominais, escamação, coceira, ardência, refluxo e alergias de pele.

Os produtos originalmente fabricados com leite de vaca podem ser feitos com o leite de cabra: iogurte, queijinho Petit Suisse, leite condensado (para fazer os bolos e brigadeiros), balas, pirulitos, sorvetes, picolés, doce de leite, requeijão cremoso e catupiri.

Os franceses são os maiores consumidores e fabricantes de queijos finos de leite de cabra. Naquele país existem mais de 300 tipos de queijos feitos só com o leite de cabra.

O leite de cabra não serve somente como remédio para os casos de alergia do leite de vaca. Para os problemas digestivos em adultos e crianças é um excelente ajudante. Ao facilitar e apressar a digestão, ele evita a formação de excesso de sucos gástricos, contribuindo para a diminuição da azia, má digestão, gases e sensação de peso no estômago. Tomar um copo de leite de cabra, morninho pela manhã em jejum, "sempre cai bem", pois ajudará o estômago a trabalhar menos e com mais prazer durante o dia.

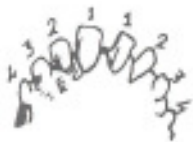
A cabra transmite certos anticorpos ao leite

que fazem muito bem para problemas respiratórios. No caso de bronquite e asma, é um ótimo ajudante para a cura. Várias "simpatias" com o uso do leite existem para acalmar as crises e, como na homeopatia, com as doses diárias e contínuas podem levar a cabo problemas de muitos anos.

E a pele? Um tratamento de beleza com produto natural sempre dá ótimos resultados. Com o leite de cabra não é diferente: para ajudar a acabar com escamação, feridas, manchas, asperezas e coceiras, nada mais natural que usar o leite frio, quente, morno, coagulado ou o soro, em compressas. A pele absorve rapidamente e agradece mostrando-se com a textura macia e sedosa.

A criação de cabras é muito fácil e vantajosa. Estes animais não precisam de muito espaço, apenas um capril, coberto, elevado e de piso ripado. A alimentação é composta de pastagem, das mais diversas, ração balanceada quando estão em produção e, principalmente, água limpa. Com o manejo correto e ordenha higiênica, o produtor terá facilmente leite e rendimentos. Os produtos poderão ser comercializados nas redondezas da propriedade, nos grandes centros ou diretamente nos laticínios.

Para auxílio na instalação de um capril familiar ou rural, o produtor deverá procurar órgãos da prefeitura local, Associações de Criadores do Estado. Em Curitiba, temos a CAPRIPAR, Associação dos Caprinocultores do Paraná, e também a Kissleite Produtos Lácteos, que oferece os profissionais de sua empresa para auxílio técnico. Rua Luíza Verone Picoli 150, Fone / fax (041) 356-1354, Bacacheri 82600-220 Curitiba, PR, E-mail: flalura@per.com.br



Até um ano

1 - pinças; 2 - primeiros médios;  
3 - segundos médios; 4 - cantos.



18 a 24 meses



Três anos



Quatro anos



Cinco anos

Fonte: CASTRO, A. de. A cabra.

Avaliação da idade dos caprinos - Arcada dentária inferior